

# GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Vol. XLVIII

AGOSTO—1916

## “Gazeta Medica da Bahia”

Destinando-se o numero de Julho do corrente anno á commemoração do 50.<sup>o</sup> anniversario da fundação da GAZETA MEDICA DA BAHIA, motivo que inspirou á redacção a sua feitura em edição especial, conjugada á originalidade dos assumptos melhor feição material, fica por isso mesmo, um pouco retardado o seu apparecimento.

Para evitar, pois, sobre os demais numeros a repercussão desse atraso, publicamos o presente exemplar, relativo ao mez de Agosto, informando aos nossos leitores do proximo apparecimento da edição de Julho, de que se acha encarregado o organo official, por fidalga gentileza do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado que se faz assim credor da “Gazeta Medica”, mercê dessa homenagem que lhe é prestada ao transpôr meio seculo de existencia activa, ao serviço das lettras medicas brasileiras.

A REDACÇÃO.

# Caso de hypospadias

*Communicação feita á Sociedade de Medicina legal  
e Criminologia*

PELO

DR. RODRIGUES DORIA

Annunciaram os jornaes desta cidade, em dias do mez de Março deste anno, a historia original de uma mulher desconhecida que pedira a um cidadão aqui residente que se destaca por actos de philantropia, para segurar uma criança que ella tinha nos braços, em quanto mais desembaraçada pudesse ir a uma casa proxima, e desaparecera, deixando nos braços do cavalheiro o fardo abandonado, de que elle teve de se encarregar, entregando a uma senhora parda, idosa, na Matta Escura, caminho do Rio Vermelho, para alli ser cuidado.

Dias depois chegou-me a noticia de ser a criança sexualmente defeituosa, parecendo hermaphrodita,

No dia immediato, 3 de Junho, dirigi-me ao lugar, acima referido, indo commigo o photographo da policia, cujo serviço me foi facilitado pelo Dr. H. Silvestre de Faria, 1.º Delegado auxiliar.

As condições para a photographia eram as peiores, sendo a casa desprovida de moveis, e gozando de má luz para o trabalho photographico, do qual consegui as duas figuras que apresento.

# CASO DE HERMAPHRODISMO



Fig. 1

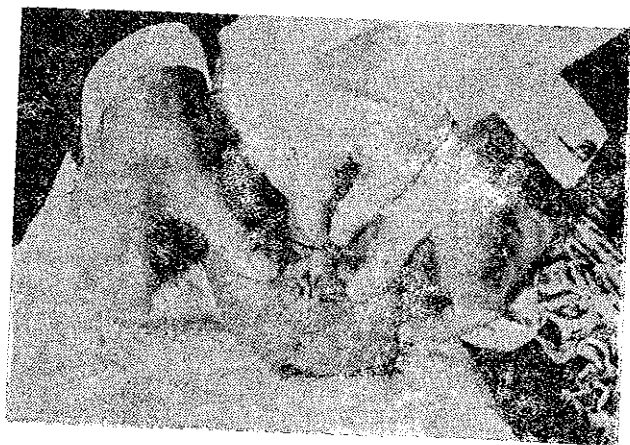


Fig. 2

Comunicação do *Dr. Rodrigues Doria*

Sobre a criança nenhuma informação absolutamente existiam, senão as dos jornaes, referidas no começo.

A criança era de certo defeituosa; os órgãos genitales tinham a apparencia de órgãos femininos, constituídos por duas dobras espessas de pelle, simulando grandes labios, dentre os quaes, na parte anterior proeminava um volumoso clitoris. Examinada esta parte era ella perfeitamente um penis, de glande descoberta e imperforada, envolvido em pelle em todo o resto, estando o prepucio encolhido ao redor do collo.

Pela parte inferior era o penis adherente ao fundo do sulco entre as duas dobras de pelle, fundo coberto de membrana mucosa, côr de rosa, e que se salientava em forma de um cordão, quando afastados os fingidos labios era repuxado o penis para cima, como na figura n. 2.

Na parte posterior do sulco, correspondente á fossa navicular, se fosse mulher, havia um pequeno orificio, permittindo a introdução de um estylete, e que era a abertura da uretra.

As duas dobras de pelle rãgosa e espessa tinham bem a apparencia de bolsas escrotaes que ficaram separadas, e só n uma linha estreita do fundo era mucosa a superficie. O exame das dobras não deixaram perceber a existencia de testiculos; estavam vazias, parecendo que as glandulas não haviam descido. O exame da região inguinal não revelou vestigios dellas.

A criança, muito mal nutrida, em verdadeiro marasmo, indicava não ter longa vida, e denunciava ter

já mais de quatro mezes de nascida. O comprimento era de 58 centímetros, e não tivemos meio de pesal-a.

Prevendo a morte proxima, pedimos que nos avisassem do desfecho, e que mandassem o cadaver para este Instituto.

De facto, a criança falleceu no terceiro dia, mas o seu protector se oppôz a que fosse enviado o cadaver afim de ser autopsiado, ao que eu desejava assistir, e por onde se poderia julgar se o defeito era simplesmente externo, ou se a mistura dos sexos attingia até as glandulas (hermaphrodismo verdadeiro).

Assim, pois, e do exame que pude fazer, conclui:

1.º Ser a criança um hypospádico em gráo adiantado, pertencendo, pois, ao sexo masculino, e cryptorchida.

2.º Caso não tivesse morrido, seria, quando adulto um impotente *coundi atque generandi*.

Bahia, Junho de 1916.

---

## O Estado sanitario da Bahia

### CAPITAL.

Transcrevemos, com prazer, do organ official de Estado as notas abaixo, sobre o estado sanitario da nossa capital, organisadas pelo eminente Director Geral de Saúde Publica, Sr. Prof. Dr. Gonçalo Moniz.

Offerecem as molestias infecto-contagiosas o principal criterio para a avaliação do estado sanitario de uma cidade.

A existencia ou ausencia de certos morbos daquella classe, a maior ou menor frequencia e extensão com que outros lavram no seio de uma população, constituem os elementos de tal apreciação.

Muito bem mereceram as ditas molestias a qualificação de *evitaveis*, porquanto mediante o emprego das medidas prophylacticas podem ser mais ou menos reduzidos os ataques e até muitas dellas definitivamente jugadas em localidades onde reinavam com maior ou menor intensidade e amplitude. Assim é que, graças á pratica systematica da vaccinação e revaccinação, a variola já tem desaparecido de varias cidades civilizadas; que a febre amarella, depois de conhecida e devidamente applicada a respectiva prophylaxia especifica, já foi extincta em varios logares onde era endemica, taes como Havana, Rio de Janeiro, Belém, etc.

Sobre essas doenças evitaveis é que têm acção directa as medidas hygienicas, sendo precisamente o escopo e a missão principal de um serviço sanitario supprimir as molestias de que se trata na zona submettida á sua jurisdicção ou pelo menos impedir que se manifestem sob a forma epidemica. Em uma cidade hygienicamente construida e hygienicamente mantida, bem dotada das grandes obras publicas de saneamento, e de um serviço sanitario bem organizado e dirigido,

não deve haver epidemias, maxime desses terríveis morbos pestilenciaes que a experiencia já tem mostrado que se podem extinguir pelos meios prophylaticos com que a sciencia tem armado as administrações sanitarias.

Está bem visto que enquanto não forem revogadas as leis naturaes que actualmente regem o nosso mundo, todo ser vivo ha de morrer um dia, mais cedo ou mais tarde, disso ou daquillo. Mas toda vez que se reduzirem ou supprimirem algumas das causas de morte, a longevidade geral pôde ser augmentada, muitos fallecimentos prematuros evitados. É' justamente o que resultará da eliminação ou repressão de uma ou mais das mortíferas molestias contagiosas e epidemicas.

Ora, á luz das noções que acabam de ser expostas, podemos afirmar, com segurança, que, a despeito das más condições materiaes desta cidade no tocante ás grandes obras e alguns serviços sanitarios — esgotos, abastecimento de agua, calçamento, limpeza publica, etc. tem sido ultimamente excellente o seu estado sanitario, que começa a melhorar sensivelmente de 1915 para cá, tendo sido, ao contrario, dos peores que as nossas estatísticas hão registrado, durante os annos anteriores, de 1913 e 1914 nos quaes houve diversas epidemias, tendo sido elevado o numero de casos e obitos por molestias infecto-contagiosas.

No primeiro semestre do corrente anno, o estado sanitario desta capital foi dos melhores, sobretudo comparado com o dos annos anteriores, como se pode ver nas seguintes notas estatísticas relativas ás principaes molestias transmissiveis.

## FEBRE AMARELLA

## CASOS NOTIFICADOS

	1913	1914	1915	1916
Janeiro. . . . .	5	6	3	0
Fevereiro. . . . .	8	11	2	0
Março. . . . .	9	30	0	0
Abril. . . . .	9	37	0	0
Maió. . . . .	16	13	0	0
Junho. . . . .	12	9	1	0
Total. . . . .	59	106	6	0

## PESTE

## CASOS NOTIFICADOS

	1913	1914	1915	1916
Janeiro. . . . .	6	14	7	4
Fevereiro. . . . .	4	3	3	2
Março. . . . .	11	9	4	0
Abril. . . . .	13	5	1	0
Maió. . . . .	21	1	0	0
Junho. . . . .	21	1	4	0
Total. . . . .	76	33	19	6

## VARIOLA

## CASOS NOTIFICADOS

	1913	1914	1915	1916
Janeiro. . . . .	1	2	0	0
Fevereiro. . . . .	1	3	0	0
Março. . . . .	0	1	0	0
Abril. . . . .	2	0	0	0
Maió. . . . .	2	0	0	0
Junho. . . . .	1	2	0	0
Total. . . . .	7	8	0	0



## DIPHTERIA

## CASOS NOTIFICADOS

	1913	1914	1915	1916
Janeiro. . . . .	0	0	0	0
Fevereiro. . . . .	3	1	1	0
Março . . . . .	2	0	0	0
Abril. . . . .	1	3	0	0
Maió . . . . .	3	3	1	0
Junho . . . . .	0	1	0	0
Total . . . . .	9	8	2	0

## DYSENTERIA

## CASOS NOTIFICADOS

	1913	1914	1915	1916
Janeiro. . . . .	11	9	9	3
Fevereiro. . . . .	18	12	7	2
Março . . . . .	9	11	7	2
Abril. . . . .	20	11	5	1
Maió . . . . .	59	5	9	2
Junho . . . . .	33	2	3	4
Total . . . . .	150	50	40	14

Somente a tuberculose e o paludismo não têm diminuído.

No primeiro semestre de 1913, 1914, 1915 e 1916, foram respectivamente notificados de tuberculose: 395; 415; 423 e 420 casos; e de paludismo: 153; 257; 150 e 160 casos.

A prophylaxia desses dois morbos é das mais difficéis e complexas, como todos sabem: a do paludismo exigindo grandes obras publicas de saneamento, que se não fazem

em pouco tempo, nem com pequenos recursos; e para a tuberculose, sendo insufficiente a acção das autoridades sanitarias e necessaria a collaboração geral dos particulares.

Quanto ás outras molestias infectuosas, só a influenza tem grassado este anno com mais intensidade, o numero de obitos occasionados por essa doença no primeiro semestre de 1913, 1914, 1915 e 1916, tendo sido respectivamente: 6, 11, 7 e 18

Não obstante, o numero total de obitos por molestias transmissiveis foi menor no primeiro semestre de 1915 do que no dos annos precedentes, como se vê no seguinte quadro:

*Mortalidade geral por molestias transmissiveis*

1.º semestre de 1913. . . . .	2795 obitos
« « 1914. . . . .	3011 «
« « 1915. . . . .	2462 «
« « 1916. . . . .	2308 «

Do exposto resulta que nenhuma epidemia tem havido no corrente anno nesta capital, a não ser a de influenza.

O Hospital de Isolamento tem recebido muito poucos doentes; esteve até durante alguns dias completamente vasio e no fim de Junho só tinha um doente de dysenteria, removido do Hospital Santa Isabel.

O Desinfectorio no primeiro semestre deste anno passou por descanso como ha muito tempo não tinha, á mingua de casos morbidos que reclamassem a sua intervenção, quasi que só tendo feito desinfeccões por causa de tuberculose, esta endemia universal.

DR. GONÇALO MONIZ

## Notas de Physiologia

### I

A concepção do universo, nos primeiros periodos da civilização, não ia além das contradicções chocantes do dualismo e das formas grosseiras da personificação.

Os primeiros ensaios para desfazer essas contradicções, adquirir uma vista systematica do mundo, e escapar ás illuões ordinarias dos sentidos, (Lange), annunciam os primeiros albores do pensamento philosophico.

E nas proprias origens da philosophia se perdem as origens da sciencia physiologica.

Na antiguidade greco-romana, a physiologia era o estudo philosophico da natureza em geral; collimava em sua objectivação, não apenas o estudo dos phenomenos da natureza viva, senão tambem o dos phenomenos da natureza morta.

Na idade media, ainda se confundiu a physiologia com a philosophia, a historia natural, a medicina em geral, é, em particular, com a anatomia.

Foi no principio do seculo passado que Lamarck, na França, Treviranus, na Germania, criaram a palavra biologia, para designar o complexo de sciencias intimamente connexas que estudam os seres vivos em geral, vegetaes e animaes.

A biologia, sciencia da vida, se divide em tres ramos: morphologia, que estuda a forma, physiologia, que estuda a funcção e biogenia, que historia a evolução

morphologica e physiologica, quer do individuo—ontogenia, quer da especie-phylogenia.

Dest'arte, apparece a physiologia como um ramo natural de trifurcação da biologia.

## II

O objecto da physiologia é a explicação da vida, o estudo, a investigação dos phenomenos vitaes.

A physiologia se diz *geral*, quando estuda as leis superiores e geraes que presidem ás diversas funcções particulares; *especial*, quando estuda, em particular, as funcções dos differentes orgams; *comparada*, quando realiza esse estudo nas diversas especies animaes e vegetaes.

Objectivandò a physiologia geral o estudo dos phenomenos vitaes, e sendo a cellula a s' de desses phenomenos, a parte constituinte elementar de toda materia viva, o substrato de todos os phenomenos vitaes elementares, bem é de vêr que a physiologia geral deve ser uma physiologia cellular, consoante sustenta Verworn.

E a physiologia cellular, escreve Luciani, é o substrato de toda a physiologia, porque as funcções dos tecidos, dos orgams, dos aparelhos, se reduzem, em ultima analyse, á actividade vital dos varios elementos cellulares que os compõem.

De verdade, a cellula é a unica unidade commun que nos depara a natureza viva; e o funcionamento de um conjuncto nada mais representa que a integração dos funcionamentos individuaes de cada uma de suas partes.

A cellula é o « organismo elementar », « o organismo em miniatura »; é no estudo da cellula que está a chave dos phenomenos vitaes.

E', com effeito, na cellula muscular, que está o problema da contractilidade, na cellula glandular, a causa da secreção, na cellula nervosa ganglionar, o segredo da regulação de todas as funcções do organismo. (Verworn).

Mas, no conceito de Maillard, essa mesma physiologia cellular deve ser uma physiologia physica, uma physiologia molecular. «O quadro do funcionamento de uma cellula só pôde ser feito de moleculas chemicas e de phenomenos physicos.

Quando a sciencia construir em seus pormenores o eschema mecanico da estrutura e do funcionamento de uma cellula, acrescenta Maillard, a sciencia se acabará, e a esperança dos sabios é que a sciencia não se acabe nunca.

Quer-me parecer que aos sabios nunca lhes fugirá essa esperança, porque, por mais que particularizem o raio visual de sua objectivação, do organismo para os apparelhos, dos apparelhos para os organs, dos organs para os tecidos, dos tecidos para as cellulas, das cellulas para os seus elementos constituintes, ao protoplasma, ao nucléo, ao nucléolo, ás mitochondrias, ás diastases, ás gemmulas de Darwin, aos biophoros de Weismann, aos bioblastas de Altmann, ás micellas de Nögelí, aos pangenos de de Vries, aos plasomios de Wiesner, aos biogenos de Verworn, aos idioblastas de Hertwig, ás moleculas, aos atomos, aos electronicos—jamais lograrão levantar as cortinas do mysterio, des-

vendar o mysterio do *ignoramus*; e o impotente rei da criação ha de curvar sempre a investigadora cerviz, ante a desillusão do *ignorabimus* que Dabois Raymond estampou, em letras de fogo, na retentiva dos scepticos.

Louvavel sinceridade do egregio physiologista italiano, Luciani, que se não desprezára de gravar, nas paginas opulentas da sua monumental *Fisiologia dell'uomo*, essa confissão memoravel: «O processo evolutivo da sciencia physiologica sempre teve no passado e terá sempre no futuro o character de uma luta continua e fecunda entre duas tendencias oppostas, a materialista e a vitalista.

Errará quem imaginar que o resultado final dessa luta seja a victoria de uma, ou de outra theoria.

Ambas são unilateraes; cada uma dellas só encara uma face da verdade. A vida, na sua forma mais evoluída, resulta de sua compenetração e confusão. Vista de fóra, é organismo; sentida de dentro, é alma: eis aqui está o grande mysterio que a arte deverá sempre celebrar, e que a nossa sciencia, com todos os progressos possiveis, com todos os methodos experimentaes de que dispõe e poderá dispôr, jamais desvendará ».

E' mister distinguir a *physiologia geral e comparada*, da *physiologia humana* propriamente.

A *physiologia geral e comparada*, complemento natural da *morphologia geral e comparada*, leva em mira um escopo preponderantemente naturalistico e philosophico.

A *physiologia humana* «encarando o homem como termino do confronto de todas as indagações, fazendo

thesouro dos dados experimentaes directamente collidos dos animaes, especialmente superiores, utilizando os documentos fornecidos pela observação pathologica, que, não raro, têm um valor comparavel ao das observações nos animaes», assume uma physionomia synthetica, prefixa-se um intuito eminentemente medico e pratico.

### III

Estudando o organismo vivo, a physiologia procura fixar, localizar e explicar os phenomenos vitaes.

Consegue fixa-los, dando-lhes uma exacta descripção, estereotypando-os numa imagem graphica real, já nos seus lineamentos geraes, já nas suas minúcias.

Localiza-os, ligando-os a um substrato organico, fazendo a geographia das funcções, determinando as energias especiaes desenvolvidas pelas cellulas, pelos tecidos, pelos apparatus de que se compõe o organismo.

Explica-os, interpretando-os, na sua génese, no seu mecanismo, apurando-lhes as condições intrinsecas e extrinsecas, pesquisando-lhes, ao mesmo passo, as modificações correlatas ás variações accidentaes do seu determinismo.

E' como na historia, diz Claude Bernard, é preciso descrever a scena, o theatro dos acontecimentos (geographia), para depois expor esses acontecimentos e o papel dos auctores que nella representam.

No primeiro caso, fixando os phenomenos vitaes, a physiologia é uma sciencia puramente descriptiva; recorre, para a exacta percepção desses phenomenos, á observação directa ou indirecta, com o só uso normal

dos sentidos, ou ajudados estes do poder dos instrumentos de observação.

No segundo caso, localizando-os, a physiologia, sobre ser uma sciencia descriptiva, é, ademais, indagativa; não lhe basta a observação directa ou indirecta, faz-se-lhe mister a experimentação, que é uma observação provocada.

Afinal, explicando os phenomenos vitaes, a physiologia é, ao mesmo tempo, uma sciencia descriptiva, indagativa e especulativa; *al m da observação, al m da experimentação*, impende-lhe o uso da critica, a interpretação logica dos dados analyticos recolhidos, dos quaes faz a synthese, o que, no geral das vezes, se reduz a dispôr os factos vitaes em ordem de coexistencia, successão, coordenação e subordinação.

#### IV

Intimas, muito intimas são as relações da physiologia com os demais ramos das sciencias medicas, cujos dominios ella absorve, por dizê-lo, abrangendo-os todos, longemente, na amplitude das suas vistas.

Só existe em medicina uma sciencia: é a physiologia, applicada ao estado hygido como ao estado morbido, escreve Claude Bernard.

... «a medicina, diz o prof. Grasset, e, portanto, a pathologia geral, que é a synthese da medicina, é a sciencia do homem vivo, no estado normal e pathologico. Confunde-se com a physiologia normal e pathologica».

Pathologica ou normal, porém, a physiologia é certamente uma só: «são ou doente, o organismo funciona segundo as mesmas leis geraes». «Doença não é o con-



trario de saúde». «Saúde e doença são duas modalidades, dois aspectos diferentes das mesmas funcções, das mesmas propriedades do ser vivo».

Sustenta o prof. Grasset: que a medicina, toda ella, deve ser orientada pelo pensamento physiologico, a substituir, de futuro, o pensamento anatomico.

A anatomia, com a qual se confundiu antigamente a physiologia, constituindo ambas um só sciencia, deve ser, hoje, uma anatomia viva, uma anatomia physiologica, para ser uma anatomia clinica, uma anatomia medica ».

Annuncia o prof. Grasset que já Meige se insurge contra a «tyrannia do cadaver»; já Poirier declara que é mister uma anatomia viva. E essa anatomia viva, há de ser uma anatomia completada, vivificada pela physiologia, e que, deixando á margem os agrupamentos geographicos, estude os agrupamentos funcçionaes, physiologicos, vivos.

O prof. Mathias Duval, comprehendendo as tendencias da Histologia, deu amplo desenvolvimento, no seu *Precis de Histologie*, ás explicações physiologicas; e accentúa assim ás intimas relações da physiologia geral com a histologia, por ella completada e elucidada.

Retrilhando o facto, o prof. Prenant assignala as tendencias physiologicas do seu tratado de Histologia, onde adopta e esposa a theoria que encara «a funcção como uma condição da forma».

Ligando o facto puramente formal á ideia da funcção, conceitúa elle, não basta saber como são as coisas; é mister conhecer-lhes o *porquê* e o *como* ».

Já escrevêra Claude Bernard que a therapeutica, ou sciencia da acção dos medicamentos, não é uma sciencia pratica distincta; sem a physiologia, a therapeutica se reduziria ao empirismo grosseiro dos primeiros tempos.

Diz Courmont, professor da Faculdade de Medicina de Lyon, que o plano das pathologias geraes, no futuro, será physiologico; o que importa é o desvio das funcções, é a maneira pela qual o organismo reage, anormalmente, sob a influencia de uma causa morbida.

Finalmente, «o ponto de partida, a base», o escopo de toda a medicina é a clinica; e na clinica, assevéra Huchard, é preciso pensar e agir physiologicamente.

Tudo isso, e nada menos, põe em evidencia o amplo dominio da physiologia, patenteando que as sciencias medicas, em todos os seus departamentos, em todos os seus ramos, são guiadas, dirigidas, orientadas, insistentemente, pela ideia da vida e da funcção, subordinadas, por consequencia, á physiologia.

SABINO SILVA

(Do 3.º anno de Medicina)

### BIBLIOGRAPHIA

- Physiologie generale*, Max Verworn.  
*Physiopathologie clinique*, Grasset.  
*Traité de physiologie*, E. Gley.  
*Leçons de physiologie opératoire*, Claude Bernard.  
*Fisiologia dell'uomo*, Luigi Luciani.  
*Precis de Histologie*, M. Duval.  
*Traité de histologie*, Prenant, Bouin, Maillard.  
*Histoire du matérialisme*, Lange.

# Elias Metchnikoff

1845 -- 1916

Transcrevemos da «*Presse Médicale*», o bello artigo de H. Roger sobre a morte de Elias Metchnikoff.

Por isso que nada mais seria dado articular a quem se propuzesse, em rapidos traços, inventariar o complexo acervo de uma existencia tão fecunda em factos e dotações scientificas, é que falam por nós as brilhantes linhas abaixo, na coincidencia de sentimentos com que todo o mundo está a deplorar a perda do glorioso sabio que morre symbolizando uma epocha na evolução da medicina :

«Um grande sabio vem de desaparecer; um grande espirito vem de se apagar. Pela importancia de suas descobertas e pela originalidade de suas theorias, Metchnikoff occupa um lugar eminente entre os homens que tem ampliado o campo de nossos conhecimentos e aberto a nossa doutrina novos horisontes. São discutiveis algumas das suas theorias. Mas os seus trabalhos sobre a phagocytose formam um edificio soberbo que nada poderá abalar: elles asseguram a seu nome uma gloria imperecivel.

Nascido em 1845, perto de Kharkof, na Russia, Metchnikoff fez estudos scientificos muito completos e em 1870 era nomeado professor de zoologia em Odessa;

Consagrou sua actividade a trabalhos de embryologia e de zoologia e foi realisando pesquisas sobre os ani-

maes inferiores que elle se viu conduzido á descoberta que devia exercer sobre os progressos da biología e da medicina tão grande influencia. Observando sêres unicellulares, estudando-lhes os meios de defeza contra os parasitos, teve elle a intuição de ter sob as vistas o prototypo de um processo geral.

Foi então que emprehendeu pesquisas sobre as daphnias, pequenos crustaceos cuja transparencia é tal que se pode, sob o microscopio, seguir as phases do combate travado contra os microbios invasores; depois, elle operou sobre os mammiferos.

Não foi, assim, por um lance feliz do destino nem por um desses acasos que servem tantas vezes o homeni de sciencia, mas por um estudo profundo e progressivos que Metchnikoff, se elevando dos sêres mais simples aos sêres mais complexos, chegou á concepção da phagocytose.

A descoberta lhe pertence, inteira. Anteriormente, se conhecia a diapedese, sabia-se que os leucocyts são capazes de sahir dos vasos, de caminhar nos tecidos, de incorporar uma série de corpos extranhos, inclusive os microbios. Mas ninguem havia comprehendido o papel protector das cellulas migradoras, ninguem havia desconfiado a existencia da digestão intra-cellular.

Metchnikoff rasgou o véo que empanava um dos mais importantes processos da biología; descreveu as diversas phases da lucta entre o agente invasôr e o organismo invadido; fundou a theoria cellular da immuidade.

Proseguinto o estudo de sua descoberta, reconheceu que os leucocyts não tem o monopolio da phagocytose.

Certas cellulas fixas possuem o mesmo poder. É o que estabeleceu estudando com Soudakewitsch a absorção das spirillas da febre recorrente pelas cellulas endotheliaes do baço. Mostrou ainda que os phagocytos são capazes de englobar e digerir certas cellulas do organismo; elles intervêm constantemente nos processos physiologicos e pathologicos e servem de sumidouro aos elementos envelhecidos ou doentes.

Taes descobertas não podiam ser acceitas sem protesto. É peculiar ás idéas originaes o aguçar da critica e o suscitar de experiencias contradictorias.

Proseguiu-se por toda a parte o estudo da immuni-  
dade, e experimentando-se sobre animaes vaccinados contra as infecções, veio a reconhecer-se que seu sérum adquire a propriedade de matar ou lesar os microbios; os phagocytos não seriam mais soldados combatendo pela defeza de organismo, seriam simples coveiros encarregados de conduzir cadaveres.

Foi quando começou uma viva polemica entre os partidarios e os adversarios da phagocytose: a theoria humoral parecia se erigir contra a theoria cellular da immuni-  
dade.

Metchnikoff relatou primeiro uma serie de experiencias que tendiam a reduzir o papel dos humôres. Mostrou por exemplo, que microbios protegidos contra os phagocytos por papel mata-borrão se desenvolvem facilmente, máo grado sua imbibição pelos liquidos do organismo. O humor aquoso, desprovido de leucocytos, permite a vegetação das bacterias, estas pullulam até o momento em que affluem as cellulas migradoras.

Seu espirito era, porém, muito elevado para suppôr

definitivas as concepções humanas. Compreendeu que os humores gosam um papel consideravel no mecanismo da immuidade e se prendeu ao seu estudo. Em 1891, elle confirmava, com o vibryão avicida, a descoberta da agglutinação realisada dois annos antes. Estudava, depois, com cuidado as alexinas e as sensibilisadoras e se esforçava por demonstrar que as substancias protectôras do s'rum provêm dos leucocyto. A theoria humoral da immuidade achava-se, assim, sob a dependencia da theoria cellular; ella não era mais de que um corollario da phagocytose.

Metchnikoff demonstrou a presença nos phagocyto de fermentos entrando na categoria das trypsínas. Designou-os sob o nome de cytases, admitindo duas variedades: a macrocytase e a microcytase. A primeira se encontra nos orgams lymphoides; digere facilmente as hemacias e muito mal os microbios; — a segunda se encontra nos leucocyto polynucleares e nas cellulas da medulla ossea; digere facilmente os microbios e muito mal as hemacias. Ambas são pouco diffusiveis; não passam no sangue senão após a destruição dos elementos phagocytarios; constituem então a substancia cytolytica banal, alexina ou complemento. Quanto ás sensibilisadoras especificas que se acham no sangue dos animaes immunisados, provêm ellas dos macrophagos e, contrariamente ás cytases, são facilmente excretadas pelas cellulas.

Ainda aos leucocyto, attribuiu Metchnikoff a produção das antitoxinas, das opsoninas que elle assimilou ás sensibilisadoras, das estimulinas que nascem em presença dos microbios infectantes.

Insistimos sobre esta parte de sua obra para mostrar que Metchnikoff não teve somente o merito de realizar uma grande descoberta, mas o de haver conseguido edificar um monumento solido, passivel de algum retoque nos detalhes, mas cujo arcabouço ficará inquebrantavel.

A importancia da phagocytose não deve fazer esquecer pesquisas outras de Metchnikoff, pesquisas que teriam bastado para illustrar um sabio. Não podendo mencional-as, todas, citaremos ao acaso suas observações sobre as ramificações e os abrolhamentos do bacillo tuberculoso aviario, observações interessantes que têm contribuido a fazer considerar como um cogumelo este parasito. Com Roux e Salimbeni, publicou uma memoria extremamente importante sobre o sérum anti-cholérico. Proseguiu com Roux pesquisas sobre a inoculabilidade da syphilis aos macacos e sobre a prophylaxia desta infecção. Recentemente, ainda, publicou com Besredka, trabalhos sobre a febre typhoide experimental e a vacinação pelos virus sensibilizados. Assignalamos ainda suas memorias sobre as cytotoxinas e os anticorpos e suas numerosas publicações sobre a flora intestinal. Por occasião da ultima epidemia da cholera, Metchnikoff mostrou que as bacterias saprophytas do intestino gósam de papel consideravel na resistencia a esta molestia, e que a flora intestinal pode explicar a immuidade desfructada pelos habitantes de certas regiões.

Foi sobretudo ao estudo dos venenos putridos do

grosso intestino que Metchnikoff se afeiçoou nestes ultimos annos. Mostrou-lhes a influencia nociva sobre as differentes cellulas do organismo e se esforçou por lhes attribuir o desenvolvimento da arterio-esclerose. Persuadiu-se que aos venenos do grosso intestino é commettido papel consideravel na genese das alterações que nós imputamos á velhice. Esperou que se chegasse a prolongar a vida humana para muito além dos limites actuaes, combatendo-se as putrefacções intestinaes. Conduziu-o esta esperança a theorias muito curiosas que expõe em duas obras de philosophia: *Études sur la nature humaine* e *Essais de philosophie optimiste*. Esta ohteve um successo consideravel. Pelo estudo dos problemas biologicos, Metchnikoff chegára a concepções um tanto utopistas. Pretendêra que o homem não realisa plenamente seu destino; se elle attingisse o termo ao qual pode chegar, deixaria a vida com serenidade, como o conviva farto que, após o festim, é feliz por levantar-se da meza. E', pensava, o que realisarà o futuro.

A evolução terá por effeito modificar a machina humana. O homem futuro, tal como o esboçara Metchnikoff, não corresponde nada ás nossas concepções estheticas. Mas, desembaraçado de orgams inuteis, cumprirá sua sina e por mais de um seculo prolongará sua existencia. Desde já se poderia entrar os progressos da velhice, no combate aos microbios intestinaes pela ingestão de certos fermentos. Metchnikoff tentou a experiencia, submetteu-se ao tratamento pelo leite fermentado, esperando prorogar assim, o prazo fatal. E aquelles que o viram, ha alguns mezes,



antes do começo da molestia que o devia arrebatár, partilhavam estas esperanças e pensavam que por muito tempo ainda aquelle homem robusto, cujo espirito sempre alerta se mantivera tão joven, tão activo e tão entusiasta, podesse continuar sua brilhante carreira.

Sua morte causará uma dôr profunda a todos os que se interessam pelos progressos da biologia. Repercutará, penosamente, em particular, na Russia e na França. Desde 1887, Metchnikoff vivia em Paris. Trabalhava no Instituto Pasteur, do qual viera a ser o sub-director. Em França elle rematou seus trabalhos sobre a phagocytose e realisou as grandes descobertas que lhe valeram em 1908, o premio Nobel. Sua reputação attrahira um grande numero de biologistas estrangeiros que se comprimiam no seu laboratorio, felizes de aproveitarem os seus conselhos e de realizarem as suas concepções; varios sabios russos deixaram-se ficar no Instituto Pasteur e trilham com successo o caminho aberto pelo seu illustre compatriota. E' como a Sciencia tem cimentado entre a França e a Russia uma alliança intellectual que os actuaes acontecimentos tornam cada dia mais profunda e mais intima.

\* \* \*

A obra scientifica de Metchnikoff está exposta numa série de memorias que os «Annaes do Instituto Pasteur» tem publicado e em duas obras didacticas: *Leçons sur la pathologie comparée de l'inflammation* (Paris, 1892), *L'immunité dans les maladies infectueuses*,

(Paris, 1901), duas obras cuja leitura é tão attrahente quanto instructiva e que testemunham da prodigiosa erudição do autôr.

Não nos foi dado, nesta curta noticia, senão indicar summariamente as principaes publicações do grande biologista cuja vida foi toda consagrada ao cultô desinteressado da sciencia. Aquelles que o cercavam sabiam que, não obstante a idade, Metchnikoff estava longe de haver terminado sua carreira. A morte o veio derribar em plena producção scientifica: ella interrompeu-lhe pesquisas proseguidas sem tréguas, e talvez, tenha sustado o arrojô de uma nova descoberta.

Tal qual ella é, a obra é sufficientemente forte para arrostar o consumo do tempo e, quando as ondas crescentes do olvido tiverem tragado tantos trabalhos que actualmente, nos parecem impereciveis, a theoria da phagocytose emergirá por sobre os cimos intangiveis onde se inscrevem em caracteres indeleveis, as grandes descobertas da humanidade.

H. ROGER

---

## NOTICIARIO

### SOCIEDADE BENEFICENCIA ACADEMICA

Essa benemerita Sociedade teve a gentileza, que lhe agradecemos, de nos communicar a nova organisação dos funcçionarios que lhe vão presidir os destinos no anno social de 1916 — 1917, conforme a relação abaixo:

Presidente — Cicero Dantas Martins, Vice-Presi-

dente — Bacharel Afranio Amaral, 1.º Secretario—Armando Berenguer, 2.º Secretario — Mario Pessôa da Costa e Silva, Thesoureiro — Deraldo Dias de Moraes, Orador — Carlos A. de Macedo Guimarães.

COMISSÃO FISCAL

Relator — Mario Macedo Costa, Vogaes — Attila Amaral e Carlos Antonio Alves Guimarães.

DIRECTORES DE SÉRIES

6.º Anno medico — Alfredo-Freire Leahy, 5.º Anno medico — Herald Maciel, 4.º Anno medico — Virgilio Washington de Castro, 3.º Anno medico — João Cicero de Novaes, 2.º Anno medico — Amadeu Jacome, 1.º Anno medico — Egas Carlos Muniz S. de Aragão. 2.º Anno de pharmacia — Perceval da Cunha Vasconcellos, 1.º Anno de pharmacia — Joaquim Marques Ferreira. 2.º Anno de Odontologia — Herodoto C. de A. Almeida, 2.º Anno de Obstetricia — Maria Dina Fraga.

A' distincta corporação a «Gazeta Medica» faz votos sinceros pelos constantes triumphos de sua obra philanthropica.

## HOSPITAL SANTA IZABEL

### A INAUGURAÇÃO DOS SEUS NOVOS MELHORAMENTOS

Foi uma festa solemne, a realisada no Hospital Santa Isabel, ao commemorar-se este anno o anniversario de sua fundação, com a inauguração de importantes melhoramentos planejados e levados a termo

pela actual administração da Santa Casa de Misericórdia.

A dignidade do motivo, bem comprehendida pela brilhante assistencia, da qual se podiam destacar o Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado e sua Exma. Família, o venerando Snr. Arcebispo da Bahia, distinctos cavalheiros e Exmas. Senhoras, além do Snr. Provedor, Director, Mordomos e demais membros da santa instituição de caridade, deu ao acto o solemnissimo aspecto, sempre de esperar, em certames dessa natureza.

Após a missa, celebrada na capella do Hospital, dirigiram-se todos os presentes para a nova Sala do Banco. Inaugurou-a, com os demais serviços, o Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado, empós o que, se fez ouvir o Illustre Snr. Dr. Isaias de Carvalho Santos, operoso Provedor da Misericórdia, em um discurso muito applaudido.

Fala, em seguida o Snr. Dr. Octaviano Pimenta, em nome do corpo clinico hospitalar, no discurso que, abaixo, temos a satisfação de reproduzir.

Por ultimo, diz algumas palavras o nosso venerando Arcebispo, invocando as graças do anjo da caridade, cujas brancas azas, mercê de Deus, jámais deixarão de adejar, cheias de misericórdia, por sobre aquelle tecto bemfazejo.

\* \* \*

Foram, assim, dados ao serviço hospitalar, com a «Sala do Banco», os seguintes commodos, sufficientemente aparelhados: *sala de consultas, laboratorio de analyses clinicas, clinica gynecologica, vias urinarias,*

*curativos para homens, curativos para mulheres. pequena cirurgia e cirurgia dentaria.*

Taes installações, representam, nas condições em que foram feitas, consultados e obedecidos os interesses da hygiene e da esthetica, obras de real valor, cujo alcance pratico, orça por mais um feito de benemerencia da actual administração da Santa Casa. Que o digam, aquelles que privam de mais perto com o Hospital e lhe conhecem, pois, de igual distancia, as necessidades.

Os recentes aperfeiçoamentos que se lhe tem prodigalizado, lhe vão tornando capaz de competir com seus melhores congeneres estrangeiros. Melhor do que alguns, não será exaggero afirmar, já o será desde agora para os que tem frequentado os velhos hospitaes europeus, nem todos fieis ás prescripções da moderna medicina, no que respeita ao plano hygienico das edificações. Si ao estrangeiro, peor impressão estes não causam, é porque se deixaram possuir de gloriosas tradições que nos enleiam a curiosidade, absorvida em revivel-as através das palavras attrahentes e novas da pleiade de successores dos vetustos baluartes do ensino medico.

Ampliam-se contudo, positivamente, os creditos do importante estabelecimento de caridade. A orientação scientifica do seu habil e esforçado Director Prof. Clementino Fraga, de par com as ideias progressistas do Dr. Isaias Santos preclaro Provedor da Santa Casa e seus dignos auxiliares, amalgamaram-se no benemerito proposito que vem a «Gazeta Medica» de registar, com os mais francos applausos de quem o encara honroso

acontecimento para os creditos da Bahia moral e scientifica.

\* \* \*

Eis o discurso do Dr. Octaviano Pimenta:

Exms. srs. drs. governador e secretarios do Estado,  
Exm. e revm. sr. arcebispo,

Exmas. senhoras,

Exmos. srs. dr. provedor e mesarios da Santa Casa;  
Senhores:

Lançando um olhar retrospectivo sobre o passado deste Hospital de caridade, que reaes e incontestaveis beneficios tem trazido por longos annos á pobreza de nossa terra, á aprendizagem scientifica de medicos e academicos, emfim a todos que se acolhem á sua sombra protectora e bemfazeja, vemos, numa serie ininterrupta de transformações e obras porque tem passado, o desejo ardente dos que se interessam fortemente pela vida deste nucleo de trabalho, alargando-lhe cada vez mais o raio de sua acção, elevando bem alto os creditos da Santa Casa no que tange a sua missão de misericordia e amparo aos desherdados da sorte e aos que, batidos pelo Simoun da desgraça, buscam conforto ao espirito combalido e melhora á saude arruinada pelos diferentes morbus que lhes assaltam a existencia.

A sua historia perde-se na noite dos tempos,

Em uma carta datada de 3 de Abril de 1555, dirigida a el-rei por d. Duarte Costa, se encontram referencias da existencia na Bahia de um hospital denominado de

Nossa Senhora das Candeias se bem que não existisse irmandade de Misericórdia naquella época.

As noticias de seu archivo parece não confirmar esta asserção, pois o primeiro edificio por ella construido, conjuntamente com uma capella e algumas saletas e cubiculos, era chamado Hospital de S. Christovam e se achava em condições tão ruins que provocou uma representação da mesa a el-rei em 1816, dizendo que o hospital era situado ha mais de 200 annos na crista da montanha fronteira á bahía que servia de ancoradouro á cidade e que suas eufemarias, dispensa, cosinha e compartimentos outros eram verdadeiros subterraneos, sem luz, sem ar, sem ventilação, humidos e sem accommodações, de maneira que os doentes, em vez de melhorarem seus soffrimentos, cada vez mais peioravam devido ás más condições citadas.

Deante disto a meza da Santa Casa anteriormente procurara removê-lo, em 1814, para a Casa da Polvora ou para o Toróró, sendo preferido este ultimo local, cedendo o terreno necessario, gratuitamente, o seu proprietario capitão João Francisco da Costa. Igualmente, foram offerecidas a roça do padre Sá, á Saude e uma outra ao Gabriel. Até a guerra da Independencia nada ficou resolvido por falta de capitaes.

Os carmelitas offereceram tambem parte do seu convento para o estabelecimento do Hospital, surgindo como difficuldade o aquartellamento do 4.º batalhão de linha no mesmo convento. A meza da Santa Casa então voltou suas vistas para a Quinta dos Lazaros por ser proprio nacional, mas o governo não attendeu o seu pedido.

Estes revezes não a desanimaram, antes incitaram-n'a a proseguir nas suas tentativas.

Em reunião do definitório, em 23 de Setembro de 1827, ficou assentada a aquisição, por compra, de uma roça aqui em Nazareth, onde vos falo, pertencente a Antonio Alves de Carvalho.

Em 19 de Maio de 1828 foi effectuada a compra por 15:200\$000 sendo collocada a primeira pedra com solemnidade em 13 de Julho do anno seguinte.

Em 1823 porem, tendo sido extincto o Hospital Militar, que desde o governo de d. Fernando Portugal, funcionava no antigo collegio dos jesuitas, a meza da Santa Casa conseguiu transferir os doentes do de S. Christovam, em 2 de Julho de 1833, para o tal collegio situado no Terreiro de Jesus, hoje Praça 15 de Novembro, até que terminasse o actual.

Depois de levantada parte do edificio e após interrupções diversas foram abandonadas as obras por falta de numerarios, em 17 de Fevereiro de 1840, tendo a Santa Casa gasto a importancia de 88:688\$209, inclusive 15:200\$000 da compra do terreno e 4 casinhas nelle existentes.

Era provedor nesta epocha o brigadeiro José de Sá Bittencourt Camara.

Durante o longo estadio de 44 annos ficou completamente paralyzada a construcção.

Em reunião da meza da Santa Casa em 10 de Novembro de 1883, foi apresentado pelo então provedor e benemerito conde Pereira Marinho um parecer elaborado por uma commissão, previamente designada e



composta de engenheiros e de medicos clinicos com a respectiva planta para conclusão das obras.

Approvados o parecer e a planta, resolveu a meza da Santa Casa abrir um credito de 100:000\$000 a juros de 6% ao anno em um estabelecimento bancario, contractando com o engenheiro architecto Carlos Croesy a continuacão do planejado edificio.

Começados os trabalhos em 25 de Fevereiro de 1884, terminaram em Julho de 1893. Tendo neste espaço de tempo fallecido o conde Pereira Marinho, succedeu-lhe na provedoria o Barão, depois Visconde de Guahy. Finalmente foi inaugurado este hospital que recebeu o nome de Santa Isabel, padroeira da Santa Casa de Misericordia, em 30 de Julho de 1893, sendo provedor o commendador Manoel de Souza Campos, mordomo do hospital o illustrado professor Dr. Antonio Pacifico Pereira, governador do Estado Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, tendo 6 pavilhões com 8 enfermarias para homens e 4 para mulheres al m de outras dependencias, se dispendendo nas suas obras e montagem do serviço cerca de 1.400:000\$000. Depois de inaugurado, não descaçou a meza da Santa Casa de Misericordia, melhoramentos e reformas foram sendo introduzidos de accordo com as necessidades do serviço e numero de doentes.

Assim é que foi transferido o necroterio primitivo para os fundos do edificio, onde se construiu um pavilhão espaçoso que servia não só para as necropsias dos doentes que falleciam no hospital, como ainda ás dos cadaveres remettidos pela Policia. Foi installada uma padaria annexa á cozinha e montado um estabulo

ou vaccaria que em pouco tempo desapareceram, visto não haver vantagem na continuação desse serviço. Foi feita ainda, uma enfermaria provisoria para isolamento de doentos de molestias infecciosas em local não muito apropriado e antihygienico, pelo que foi supressa.

Em 1904, exigindo o serviço hospitalar um apparelho para a desinfecção completa das roupas e camas de doentes, foi montada uma estufa.

Em 1903, de accordo com o contracto celebrado entre o director da Faculdade de Medicina, o sempre lembrado dr. Alfredo Britto, e o provedor commendador Manoel de Souza Campos, satisfazendo as exigencias da sciencia do ensino, foram construidos, pelo governo federal, um atelier photographico, inaugurado em outubro do mesmo anno, as salas de operações asepticas e septicas segundo o plano do notavel cirurgião dr. Antonio Pacheco Mendes, a sala de hydrotherapia e o instituto clinico, que reaes serviços tem prestado ao Hospital durante o anno lectivo, sendo inaugurados esses melhoramentos em 1906.

Transformada a antiga enfermaria onde eram internados os doentes que soffriam de tuberculose em sala de hydrotherapia, não convindo que os mesmos ficassem em promiscuidade com os demais foi construido, com todas as regras de hygiene, um pavilhão espaçoso com 2 enfermarias: uma para homens e a outra para mulheres, sendo inaugurado em 7 de setembro de 1907.

Augmentando, dia a dia o numero de doentes, foi necessaria a criação de novas enfermarias; assim é que foram transformadas as primitivas lavanderia e rouparia em duas enfermarias que receberam o nome de São

Roque e São Pedro; e construída uma outra com o nome de São Salvador, sendo inauguradas em 4 de outubro de 1908, quando ainda provedor o commendador Manoel de Souza Campos, mordomo dr. Menandro dos Reis Meirelles e director dr. Julio de Perouse Pontes.

Sucedendo-o na provedoria, em 1911, o Commendador Theodoro Teixeira Gomes, não abandonou o hospital, reorganizou o serviço da Sala do Banco, reformou a sala de hydrotherapia, creou logares de medico da sala do banco, da sala de hydrotherapia, e medicos internos; reformou o arsenal cirurgico; melhorou as installações sanitarias; reformou a enfermaria Santa Izabel, onde actualmente se acham internadas as crianças; estabeleceu um contracto com a direcção da Companhia Linha Circular para conducção, em bonde apropriado, dos cadaveres para o cemiterio; reformou o serviço das aguas, além de obras que fez para conservação do edificio, reorganizou o serviço administrativo e interno que era feito, desde ha muito, pelas irmãs de caridade.

Após esta phase chegamos ao momento presente e verificamos que a inercia e o desanimo não se apoderaram da administração actual da Santa Casa de Misericórdia, a cuja frente se acha o espirito apprehendedor e educado do Dr. Isaiás Santos, digno provedor e legitimo continuador da operosidade dos benemeritos que tem dirigido os destinos desta Santa Instituição.

Para asseverar o que venho de dizer ahí estão, como attestado vivo e demonstração incontestes, as obras e transformações por que acaba de passar este hospital, como sejam: remodelação da Pharmacia; criação do

serviço de isolamento com pavilhão para serem hospitalizados os doentes de ambos os sexos, atacados de molestias infecto contagiosas; um posto de observação e ampliação da area da estufa; calçamento e ajardinamento da area entre o pavilhão de isolamento e o de tuberculosos; asseio geral, interno e externo, do hospital; reforma na lavanderia e no serviço de electrotherapia, onde foram assentados caldeira, motor e dynamo novos; reabertura da enfermaria de S. Mauricio; abertura de uma nova enfermaria que recebeu o nome de Santa Clara, para serem internados os doentes da clinica ophtalmologica, e oto-rhino-laryngologica; separação dos doentes adultos da enfermaria Santa Izabel, onde estavam em promiscuidade com as crianças, ficando augmentado o espaço a estas destinado; ampliação e reforma do ambulatorio da clinica ophtalmologica, segundo o plano do professor Dr. Cesario de Andrade, remodelação do gabinete da clinica oto-rhino-laryngologica ás expensas do professor Dr. Eduardo Moraes; impermeabilisação das paredes das enfermarias de Santa Clara, Santa Martha, Sant'Anna e São José e remodelação da sala do banco.

Tal acontecimento fala-nos de perto ao coração, e por isso nos associamos ás festas inauguraes de semelhante melhoramento.

Senhores—O corpo medico deste hospital, do qual sou humilde representante, não se podia quedar indifferente diante da reforma tão util quão necessaria, por que acaba de passar o serviço ambulatorio deste estabelecimento de caridade, graças á iniciativa progressista dos drs. provedor, mordomos do hospital e das

obras, Menandro dos Reis Meirelles Filho e Pedro Velloso Gordilho e o director desta Casa, o incansavel dr. Clementino Fraga e aqui estamos compartilhando das alegrias intensas que brotam dos corações dos que se esforçam tenaz e resolutamente, em elevá-lo ao nivel compativel com os progresos da sciencia hodierna, introduzindo melhoramentos como este que hoje se torna uma verdade, ampliando as accommodações para os que procuram recursos medicos e cirurgicos nesta sala, melhorando o serviço sob o ponto de vista hygienico e da sua distribuição methodica, dando-lhe um cunho verdadeiramente sciéntifico, creando um laboratorio para as pesquisas clinicas, satisfazendo, enfim, necessidades que se faziam sentir de ha muito.

Os louros desta victoria. as palmas desta conquista, cabem ao honesto provedor da Santa Casa, que, de mãos dadas com os infatigaveis mordomos do hospital e das obras e o notavel director deste estabelecimento, realisou com exito taes bemfeitorias.

Solemnizando tão auspicioso facto, que marca uma nova era de messes promissoras na nossa existencia hospitalar, reunimo-nos neste recinto para applaudir estrepitosamente a obra meritoria devida aos esforços sem treguas, nem desfallecimentos da administração da Santa Casa de Misericórdia, a qual não sabe medir sacrificios quando se trata do bem commum, dando fecundo exemplo dos sentimentos de caridade que se encerram na sua alma generosa e sã, sempre propensa as idéas philantropicas e humanitarias.

Nós, que, dia a dia, mourejamos nesta tenda de trabalho, no exercicio da clinica, em soccorro dos que

batem as portas deste estabelecimento para cura ou allivio de seus males, sabemos avaliar o quanto de utilidade exprime a inauguração de tudo que aqui está á vista de todos, attestando frisantemente do que é capaz a força de vontade unida ao trabalho proficuo dos que dirigem com largueza de vistas e superioridade de acção os destinos da Santa Casa de Misericórdia, a qual honra a Bahia e quiçá o Brazil inteiro, podemos dizer sem receio de contestação.

Ja agora o raio dos nosso horizontes medicos nesta Sala do Banco se ampliou mais e podemos satisfazer plenamente ao avultado numero de pessoas que aqui se apresentam quotidianamente, sem atropellos na clinica, sem a natural confusão, com o methodo e a calma necessarios a serviço tão importante e que joga com a vida e a saude da humanidade.

Realmente o ambulatorio deste hospital, extraordinariamente procurado, era por demais acanhado e não preenchia os fins a que foi destinado, o que impressionou fortemente áquelles que levaram a effeito a installação condigna que se inaugura hoje, em meio a esta selecta assistencia de profissionaes e pessoas gradas, com grande regosijo dos que se interessam pelo que diz respeito á Caridade e o amor do proximo.

É ocioso dizer-vos, porque comprehendéis perfeitamente, a necessidade palpitante destas cousas, mas, o que não posso calar é a vóz da justiça que por meus labios se faz ouvir em applausos sinceros e justos aos que fizeram jús por serem os promotores dos melhoramentos deste hospital, unico onde, acossados pela molestia que lhes aquebranta as forças, acham guarida os

pobres e indigentes, na hora amargurada em que a penuria lhes bate ás portas do lar, sem pão, sem medicamentos, e sem assistencia medica.

— Felizmente lá fóra, são levados em conta do grande acervo de benemerencias da Santa Casa de Misericordia os relevantes esforços dispendidos por ella para a manutenção continua dos grandes serviços medicos e chirurgicos deste hospital, em tão bôa hora fundado para attender aos reclamos da população indigente da nossa cara Bahia, que não desmente nunca os seus fóros de hospitalidade, caridade e altruismo.

Sacerdotes desta sciencia, que tem por lemma o amor e a caridade, congratulamo-nos com a Meza da Santa Casa de Misericordia, expoente maximo e a mais alta e genuina representante desta virtude excelsa, nesta terra e agradecendo tanta solicitude e carinho por este pio estabelecimento, damos parabens á Bahia por ter encontrado nella uma instituição bemfazeja, sempre prompta a receber no seu regaço de mãe amantissima todos aquelles que a Fatalidade, cega como sempre, atira, numa ironia cruel, ao limiar deste hospital.

Bem hajam, pois, todos os que contribuíram, na medida de suas forças para a installação condigna deste ambulatorio e aos que abrilhantaram esta festa singela, é bem verdade, mas de alto valor humanitario.

Aproveito o ensejo que se nos depara, para um appello sincero ao benemerito governo do Estado, pedir que lance suas vistas para a Santa Casa de Misericordia, a exemplo do que fizeram os governos passados até 1905, pois ella, apesar de não ter subvenção official

ha alguns annos, mantém á custa de muito sacrificios este estabelecimento, prestando á cidade um inolvidavel contingente de serviço de assistencia hospitalar.

E' justo que o governo, na medida dos recursos financeiros do momento, a auxilie afim de que permaneça firme e erecto este baluarte da caridade e continue, hoje como hontem, amanhã como sempre, a descrever a trajectoria aurifulgente, toda feita de benemerencias e benções, que é o traço luminoso de sua vida desde a sua fundação até os nossos dias, tendo inscripto no seu frontespicio: *Charitas diffusa est,*

Salve, oh! caridade! E's filha dos C'os, e vieste á terra para fazer o bem sem distincção de classes, continentes e raças!

Com o manto alvissimo de tua virtude cobres as chagas dos que soffrem, lenificas as dôres dos que padecem, matas a fome dos que necessitam do alimento, curas as enfermidades dos que se estorcem no leito da dôr.

Como uma deusa infatigavel, percorres indomita os campos de batalha onde sangrentos combates se ferem, levando o balsamo consolador ás feridas abertas nos peitos valorosos dos heróes que combatem em nome da patria, representada nobremente nas ambulancias medicas e nas damas da Cruz Vermelha, que affrontam a morte em teu nome, no exercicio sublime desta Sciencia dos Deuses que se chama «MEDICINA».

E' por amor a ti que em toda parte e a qualquer hora vemos celeremente rodar os carros da Assistencia levando cuidados medicos ás victimas de accidentes e molestias subitas.



Como encarnação viva de tua existência é que se abrem Hospitales e Asyls, Maternidades e Creches, Albergues e Dispensarios.

Para servir a tua causa, enfim, é que vemos convertidos em esplendida realidade os melhoramentos proveitosos que te ornamentam o templo sacrosanto, onde pontificas ao lado de tua dilecta filha—A Medicina.

E' justo que as nossas ultimas palavras sejam um hymno de glorias impereciveis, cantado por um côro de Anjos Celestiaes em teu louvor, pois ainda uma vez espalhaste neste recinto, onde commungamos a hostia santa dos teus ideaes, a luz divina que dimanou do teu espirito e illuminou a fronte dos que levaram a effeito este conjuncto de obras de tão alta valia e urgente necessidade.

---

## Academia Nacional de Medicina

O discurso do PROF. MIGUEL COUTO

Reuniu-se em imponente sessão a 30 de Junho ultimo, no Rio de Janeiro, a Academia Nacional de Medicina, para commemorar o 87.º anniversario de sua fundação.

Seu presidente, o digno e sabio Prof. Miguel Couto, cujo nome centralisa no momento o mais fulgido prestigio da medicina patria, pronunciou o seguinte discurso, cuja formosura empresta outro aspecto á simples homenagem ao homem de sciencia. Ella dilata a intenção de quem o não cuidasse artista da palavra;

inspirando justa reverencia á esthetica do seu estylo e á elegante simplicidade com que timbra a sua arte em nada desmerecer tão raro cabedal scientifico.

Meus Senhores : A Academia Nacional de Medicina assignala na sua sessão magna que no corrente anno foi iniciada a construcção do edificio para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e passa á ordem do dia.

Tal a formula, no molde das antigas moções parlamentares dos grandes lances, em que desejava resumir a minha allocução, e que encerraria na sua brevidade toda a sua possivel eloquencia para significar os louvores desta casa ao grande acontecimento. Nem eu pretendo diluil-o em palavras, quando a noite é do nosso orador.

As vicissitudes do ensino medico na nossa terra recapitulam as vicissitudes delle por toda a parte e em todos os tempos.

Na Grecia antiga os medicos ensinavam a sua arte no *atrium*, descripta sob o nome de *officina medica* no I livro de Hippocrates. Construida na frente das ruas, com amplas portas por onde penetrasse bem a luz, era ahi que os discipulos aprendiam em longas prelecções e á cabeceira dos pacientes, que sete doenças podiam atacar o figado, doze a bexiga e quatro os rins. Gorgias, conta-nos Platão, era frequentador assiduo dessas officinas. Foi só muitos seculos depois que ellas se fundiram, sublimando nas celebres Escolas de Cós e da Cnidia, de onde se espalharam pelo pequeno mundo conhecido daquelle tempo os profissionaes e mestres da arte de curar.

É sabido que Roma, no seu período barbaro, pretendendo conquistar o mundo, foi na verdade conquistada. A Helade vencida e submersa transfundiu no algoz que a asphyxiava a sua seiva vivificante, e de terras selvagens fez a Roma de Augusto, que, invadida pelas letras, pelas sciencias, pelas artes, acabou subjugada pela força irreprimivel da civilização. Foi assim que durante muitos seculos a medicina só foi exercida em Roma pelos gregos; os seus naturaes não inspiravam a menor estima e quando se queriam acreditar accomodavam-se em um mimetismo literario escrevendo os seus trabalhos em grego e quem sabe se hellenizando o proprio nome.

Quando foi da expulsão dos estrangeiros, só se os medicos deixaram ficar tranquillamente, amparados nos braços dos nobres e do povo que os appellidavam os senhores da vida e da morte, *imperatores vita necisque*; e tão superiores eram ao seu meio, que o satyrico Juvenal, diminuindo, não querendo dizer que os gregos desciam do céu, assegurava que menos a elle subiam.

Elles transportaram para Roma os iatrens a que baptizaram de *Medicinæ* ou *Medicatrinxæ*, albergados de empréstimos aqui e ali, nos gymnasios, no templo da Paz, na bibliotheca Platina, até que Augusto fez edificar sobre o Esquilino a primeira *Schola Medicorum*.

Na França o ensino da medicina andava pelos mosteiros nas mãos dos monges e das monjas, quando o Concílio de Reims, em 1331, lhes prohibiu sob penas severas o exercicio da medicina e sobretudo da cirurgia, porque a egreja tinha horror ao sangue — *Ecclesia abhorret a sanguine*. O numero de medicos era então

exactamente distribuido, dez nas grandes cidades, sete nas pequenas e cinco nas menores.

Fundada sómente na segunda metade do XIII seculo a Faculdade *Saluberrima* de Paris, onde os estudantes se sentavam não em bancos, *non in scamnis*, senão em palhas para lhes abater o sentimento do orgulho, *ut occasio superbæ a juvenibus recludatur*, tambem havia de levar indefinidamente uma vida andeja, errando de casa em casa.

Mas, que era a medicina nesse tempo? O corpo humano mal começava a ser dissecado a medo, furtivamente, ameaçados os estudiosos de mysticos castigos do céu e effectivos dos homens; André Vesalé, o fundador da anatomia moderna e medico de Phelippe II, era condemnado pela côrte de Hespanha a uma peregrinação á Terra Santa por ter aberto o corpo de um homem cujo coração parecia ainda quente. A physiologia doutrinava que existiam no organismo tres *espiritos vitales* — o primeiro residia no figado e no sangue, o segundo no coração e nas arterias cheias de ar, o terceiro no cerebro e nos nervos. «O espirito vital é um matiz avermelhado, de potencia ignea; é como um vapor brilhante emanado do sangue o mais puro, contendo a substancia da agua, do ar e do fogo engendrado da mistura produzida nos pulmões pela inspiração do ar».

A pathologia não podia afastar-se muito desta concepção da vida, — as doenças eram o producto dos *humores peccantes*, e toda a therapeutica não tinha outro intuito senão eliminá-los por todas as vias.

Não havia de ser á malevolencia insaciavel de Mo-

lière contra a medicina e os medicos que escaparia uma situação destas e elle figurou no «Malade Imaginaire» a conhecida scena grotesca do exame de um doutorando em face das doutrinas medicas reinantes.

Desde o seculo passado, por' m, a medicina desferiu um surto seguro e definitivo para a perfeição e se encontra hoje na sua phase premathematica, em muitos dos seus departamentos, na anatomia, na histologia, na physiologia, na pathologia não se numeram as acquisições irrevogaveis, minimos são os pontos obscuros. A comparação entre os coefficients de mortandade e de morbidade de quasi todas as doenças, naquelles e nos nossos tempos, mercê dos maravilhosos progressos da hygiene, da therapeutica e da cirurgia, explica como a humanidade pôde dispôr neste momento de dezenas de milhões de homens para se devorarem, — poupados pela medicina e accommettidos agora da *peste rubra*.

Dahi vem que em todo o mundo civilizado os governos que protegem as sciencias têm especial carinho pelo seu ramo medico. Em um decennio de 1875 a 1885 a França empregou na construcção de edificios e laboratorios para os seus Institutos de instrucção superior 100 milhões de francos, cerca de 80 mil contos da nossa moeda, em grande parte destinados ás Faculdades de Medicina. E mal tinha concluido a libertação do territorio, tal e qual a Allemanha em 1810, fundava após a derrota de Iena a Universidade de Berlim.

Em um recente livro de grande fulgor, onde a linguagem tersa reflecte apenas o espirito profundo do sabio, o ministro Pedro Lessa escreveu uma bella pagina impressiva sobre o desenvolvimento das uni-

versidades na Allemanha: «Nenhuma nação mais do que a Allemanha e ninguem na Allemanha mais do que os principes da casa de Hohenzollern têm tido uma clara intuição da utilidade dos institutos universitarios. Ao lançar ás urtigas seu manto de grão-mestre da ordem teutonica, Alberto de Hohenzollern inaugurou a universidade de Koenigsberg. Ao tomar posse dos primeiros dominios que a Prussia occupou sobre o Rheno o grande eleitor creou a universidade de Duisburg. Ao ver Heidelberg, o velho sanctuario da sciencia allemã, destruido pela invasão dos francezes, o successor de Frederico Guilherme organizou a universidade de Brandeburg. Póde-se dizer que, em todos os momentos decisivos da sua historia, a Allemanha tem fundado universidades e academias».

Nos Estados Unidos, diz Lawson, as universidades são coisas extraordinarias e dão a impressão de grandeza, de rectidão, de actividade intensa, de fecundidade scientifica, moral e intellectual. Instituidas e custeadas pelas liberalidades particulares, só uma, para só de uma falar, a de Columbia, recebeu em 10 annos, para o seu patrimonio, cerca de trezentos mil contos.

Na Republica Argentina, segundo o depoimento escripto dos nossos collegas Olympio da Fonseca e Nascimento Gurgel e o oral de quantos a têm visitado, a impressão é a mesma.

Na «nossa terra» e entre «a nossa gente» houve outr'ora, sob a influencia do Imperador, grandes preocupações da cultura literaria e scientifica, e com tamanho exito que ninguem jámais nos contestou nesse periodo a hegemonia intellectual na America do Sul.

Seja que a atmospherá revolta das commoções politicas não propicie o desenvolvimento sereno das letras, ou que a inconstancia e a insegurança dos governos lhes não concedessem tempo para o cuidado de coisas que querem a continuidade, a competencia acurada, a paixão obsidente, ou seja pelo que fôr, a Republica, a que o Brasil deve tantos outros progressos, tem sido a madrastra involuntaria das sciências e letras.

Pelo que toca á medicina, em 1889 quando se achava prompto o edificio... da sua escola, foi occupado pela Escola Superior de Guerra e depois transferido á Secretaria da Agricultura; e desta corte, ella que já tinha repellido as phases de desenvolvimento das suas irmãs em outras éras e outras terras, perambulando velho Recolhimento das Orphãs, cujas venerandas paredes impregnadas durante tantas decadas das grandes verdades proferidas pelos nossos maiores mestres, mal hoje se têm em pé.

Isto, porém, meus senhores, já é quasi o passado, pois no dia 22 de Maio foi lançada na praia da Saudade a primeira pedra do edificio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. É apenas o primeiro passo d'um impulso irresistivel; pouco viverá quem não vir o resto —na actual Secretaria da Agricultura —a Escola Polytechnica, no Instituto Benjamin Constant —a Faculdade de Direito e a Escola dos Altos Estudos, na antiga Escola Militar —o Collegio D. Pedro II ou Faculdade de Letras, e em toda essa especie de gruta sagrada a nossa Universidade, unindo e harmonizando os nossos institutos de ensino em um só espirito didactico, e todos os seus alumnos em uma só almuoa serviço da Patria.

Realmente aquelle recanto, de uma belleza sem par no mundo, parece formado por um capricho da natureza para ser um centro intellectual, uma retirada para as conversações com o ar de que falava Hamlet, uma villa universitaria; de um lado, em semicirculo, penedos alcantilados, em cujas encostas, se vem quebrar e emmudecer os rumores attraentes da cidade; do outro lado o mar banzeiro de uma enseada, onde um leve murmurio de ondas inclina á meditação e affeição ao estudo, e no fundo uma nesga aberta para o oceano, para o mundo, para o infinito, para o ideal... Um pouco além descobre uma grande área vazia, mas que não tardará a ser preenchida, — é a da Caridade, é o terreno do futuro Hospital com os seus jardins floridos. Aqui, porém, toca a vez aos nossos millionarios de coração, e não sei que intima voz me aponta um delles, dos mais queridos, com o seu nome ligado em vida a essa casa dos pobres e da sciencia, Hospital... e abençoados pelos vindouros.

Despertando do sonho na realidade, vemos já, não é illusão nem atordoamento, a picareta sulcando as entrelinhas da terra e um enxame de homens assentando, definitiva e irrevogavelmente os fundamentos do novo santuario. É a obra da conjunção de tres vontades — o presidente da Republica, o ministro da Justiça e o director da Faculdade de Medicina, — aos quaes vae a expressão do nosso reconhecimento profundo.

Não entendo de politica, nem quero entender, bastando-me o sentil-a como todos; não sei, pois, se digo uma necessidade dizendo que a tarefa reservada ao



actual governo não é a das grandes construcções, senão a das grandes resistencias, e, se não erro, ao cabo da sua gestão dos negocios publicos, a par do immenso e inápreciavel serviço de não ter feito nada, ficará para a sua gloria e benemerencia o abrigo austero e digno, sem demasias sumptuarias, que, a exemplo de Augusto, fez edificar para nossa *Schola Medicorum*.

E pois, que já o assignalou na sua sessão magna, a Academia Nacional de Medicina para á ordem do dia.

## *Terminologia Franceza*

E SEUS EQUIVALENTES EM LINGUA PORTUGUEZA, NA TRADUÇÃO DE PLACIDO BARBOSA

- Accoutumance* — assuetude.  
*Allaiter* — amamentar, e não alceitar.  
*Badigeonnage* — pincelagem.  
*Ballottement* — bojadura.  
*Bourrelet* — ourelo.  
*Bourgeonnement* — abotoação.  
*Cornage* — pieira.  
*Cuisson* — adurência.  
*Courbature* — lassidão.  
*Clapotage* — vascolejo.  
*Clavelée* — cravagem dos carneiros, morrinha.  
*Cul-de-sac* — betesga.  
*Cloisonné* — loculado.  
*Cloisonnement* — localção.  
*Écorchure* — rascadura, esfoladura.

- Écouvillon* — escôvilhão.  
*Écouvillonner* — escovilhar.  
*Écrémage* — desnatamento.  
*Effacement* — esvaecimento.  
*Effleurement* — esfloramento.  
*Ebouillanter* — ferventar.  
*Engelure* — frieira.  
*Enchâffrement* — enchanframento.  
*Entraînement* — treinamento.  
*Esécréter* — excrecionar.  
*Essoufflement* — anelação.  
*Flamber* — rescaldar, chamuscar.  
*Faucher* — foiçar.  
*Farcin* — farcino, lamparão.  
*Fenêtré* — fenestrado, oculado.  
*Fontanelle* — moleira.  
*Froidure* — friagem.  
*Gavage* — cevagem.  
*Gerçure* — ragadia, fissura.  
*Looch* — lambedor.  
*Mollet* — panturrilha.  
*Mouillage* — aguagem.  
*Moncheture* — mosqueadura, sarjadura.  
*Nourrisson* — criança de peito.  
*Orteil* — dedo do pé.  
*Panaché* — betado.  
*Perlèche* — boqueira.  
*Pommelière* — pulmótica.  
*Poussée* — surto.  
*Pourriture* — amarilha.  
*Pétrissage* — malaxação.

- Pleurésie* — pleuris.  
*Renifler* — fungar.  
*Repiquage* — transplante.  
*Rouget-du-porc* — tabardilho, ruivo.  
*Rob* — arrôbe.  
*Ronflement* — ronquido.  
*Sang de rate* — baceira.  
*Sévrage* — desmame, deslactação.  
*Sévrer* — desmamar, deslactar.  
*Sécréter* — secrecionar.  
*Suite-de couches* — sobreparto.  
*Stypage* — estofagem.  
*Suinter* — resudar.  
*Surmenage* — estazamento.  
*Tapotement* — percussão.  
*Tetée* — mamada.  
*Tophus* — tufo.  
*Thym* — tomilho.  
*Tourniole* — unheiro.  
*Tournesol* — urchília.  
*Vergeture* — vergão.

(*Extr.*)